

A SOCIEDADE EM REDE E AS PRÁTICAS DE LEITURA NAS MÍDIAS SOCIAIS: ESTUDO DE CASO COM BIBLIOTECÁRIOS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE GOIÂNIA

Resumo: Aborda o surgimento da sociedade e as práticas de leitura dos bibliotecários das instituições de ensino superior da cidade de Goiânia. Busca-se o conceito de ciberespaço e cibercultura, mostrando que o espaço territorial é ressignificado, atribuindo um sentimento de pertencimento, construindo identidades. A fundamentação teórica parte do histórico da leitura na sociedade, seguido com desenvolvimento dos meios de comunicação até a atualidade, com as mídias sociais. Apresenta a seguinte questão problema: quais evidências essas leituras realizadas no ciberespaço influenciam os bibliotecários das instituições de ensino superior de Goiânia? Para responder este questionamento, esta investigação se apoia em uma abordagem qualitativa, buscando respostas ao problema de pesquisa. Propõe-se, neste sentido, um estudo de caso e, também, uma pesquisa de caráter exploratória, procurando entender os reflexos destas leituras em ambiente virtual. Um dos caminhos apontados é a possibilidade de uma nova prática de interação, por meio das mídias sociais que se mostram um meio de comunicação eficiente, agindo como extensão humana. Conclui-se que as relações sociais e o papel do bibliotecário leitor nesse novo paradigma de comunicação e informação são cruciais em um território cada vez mais globalizado e conectado.

Palavras-chave: globalização; leitura; mídias sociais; sociedade em rede; bibliotecários.

Johnathan Pereira Alves Diniz
Doutorando em Geografia pela
Universidade Federal de Goiás (UFG).
bibliojohn@hotmail.com

Andréa Pereira dos Santos
Doutora em Geografia pela
Universidade Federal de Goiás (UFG).
andreabiblio@gmail.com

NETWORK SOCIETY AND READING PRACTICES ON SOCIAL MEDIA: A CASE STUDY WITH LIBRARIANS FROM HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS IN GOIÂNIA

Abstract: It addresses the emergence of the network society and its influences on culture and identity constructions. With input from theorists who study the influence of Information and Communication Technologies (ICTs), the concept of cyberspace and cyberculture is sought. Show that the territorial space is reframed, attributing a feeling of belonging, building identities. The theoretical foundation starts from the history of reading in society, followed by the development of the means of communication to the present day, with social media. The main question in this study is: what evidence do these readings carried out in cyberspace point to in the construction of the subjects' identities? To answer this question, the study is based on a qualitative approach, seeking answers to the research problem. This article also proposes an exploratory research, seeking to understand the reflexes of these readings in a virtual environment. One of the ways pointed out is the possibility of a new practice of interaction, through social media that prove to be an efficient means of communication, acting as a human extension. It is concluded that identity is constructed both geographically and historically by social relations and the role of the reader in this new communication and information paradigm is crucial in an increasingly globalized and connected territory.

Keywords: globalization; reading; social media; network society; librarians.

1 INTRODUÇÃO

As mídias sociais ampliaram a forma de ler e perceber o mundo. Os atuais modos de comunicação e leitura pressupõem capacidades diversificadas para uma interação eficiente no meio digital, pois possibilitam novas formas de comunicação e estão cada vez mais inseridas no cotidiano. Nesse sentido, objetiva-se discutir as práticas de leitura nas mídias sociais dos bibliotecários das Instituições de Ensino Superior da Cidade de Goiânia, proporcionadas pelo surgimento da Sociedade em Rede e suas influências nas construções identitárias. Aborda-se o papel do bibliotecário leitor frente a esta sociedade, partindo da afirmação que os sujeitos estão desterritorializados, ao mesmo tempo em que fazem parte de uma diversidade de territórios onde podem construir e reconstruir suas identidades.

Compreende-se a leitura como um recurso importante para o processo de aprendizagem, facilitando assim a construção e o fortalecimento de ideias e ações. Dessa forma, o leitor está imerso no ambiente digital, proporcionando o surgimento de práticas de leitura diversas. Diante de tais afirmações, questiona-se: como será que as mídias sociais, influenciam tais práticas de leitura dos bibliotecários das instituições de ensino superior da cidade de Goiânia? Afinal, ler não é apenas decodificar palavras, ler é reconstruir intimamente o que um autor quis dizer na sua mensagem, ou ainda, buscar respostas para questionamentos dentro da leitura. É, pois, a construção feita pelo leitor a partir de experiências individuais, as interpretações e os sentidos criados dentro das regras da linguagem, da capacidade de decifrar e usar a linguagem em sua complexidade.

As informações são compartilhadas quase que simultaneamente, o que permite interação entre leitores, não sendo necessário realizar um encontro presencial para discutir ou abordar um assunto. Inclui-se o bibliotecário nesse processo, pois ele não é mais mero mediador da informação, assume também, a função de produtor de conteúdo e está em contato, por meio da Internet e, com sua visão de mundo, a lê para outros leitores e estes se tornam produtores de conteúdo. Os bibliotecários tiveram aumento da amplitude de sua atuação, participando de forma transformadora a ação cultural, evidenciado por meio da mediação da informação, na sociedade em rede.

Entende-se por rede um conjunto de nós interconectados, que em termos gerais significam estruturas abertas capazes de expandir de forma limitada, interagindo novas redes desde que ambas consigam comunicar-se, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. Diante desse panorama, exposto pela sociedade em Rede, têm-se os

bibliotecários como mediadores da informação, que por um processo de aprendizado ao leitor virtual adquirem habilidades essenciais para a aprendizagem e o relacionamento com saberes essenciais para o século XXI. Neste sentido a ênfase deste estudo será no contexto dos bibliotecários das instituições de ensino superior da Cidade de Goiânia, pois a sociedade atual não sobrevive mais a um arranjo local, visto que esse local é influenciado por tantos outros locais. Mas será que as mídias sociais influenciam suas leituras diárias?

Trata-se de uma pesquisa que faz parte do projeto “A leitura e suas concepções teóricas, históricas e conceituais: perspectivas no campo do letramento informacional, da comunicação e comportamento informacional em diferentes instâncias educacionais formais e informacionais” aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Federal de Goiás, sob o parecer, nº 2.543.521.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caso que em seu ponto de partida se baseou em uma pesquisa bibliográfica, a qual, segundo Martins e Theóphilo (2009), é uma estratégia vital para condução de qualquer pesquisa científica. Os pesquisadores foram em busca de materiais bibliográficos e multimeios que, além de, abordarem o assunto tratado, também, auxiliassem a conhecer, explicar e discutir o tema escolhido. “A pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente – análise teórica – ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando à construção da plataforma teórica do estudo” (MARTINS; THEÓPHILO, 2009, p. 54). É assim que este estudo foi construído, utilizando-se da pesquisa bibliográfica, o pesquisador se familiarizou com o tema abordado e, de posse das informações coletadas, aprofundou os estudos no objeto de pesquisa escolhido.

Lakatos e Marconi (2010), afirmam que um método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista. Visando estudar as diversas maneiras de realizar uma pesquisa, usa-se o que Martins e Theóphilo (2009) denominam de “pesquisa metodológica”, sendo aquela voltada à indagação sobre os caminhos a serem percorridos numa pesquisa científica.

Quanto ao método de abordagem (sobre qual se baseou este estudo), foi utilizado o método qualitativo que “permite ao pesquisador estar próximo aos dados, desenvolvendo de outra forma, os componentes analíticos, conceituais e categóricos da explicação a partir dos

próprios dados” (BRENNER, 1981 apud SOUZA, 1989, p. 175). A pesquisa qualitativa é relevante ao estudo das relações sociais devido às multiplicidades de formas de vida em que se pode aprofundar o conhecimento.

Ao iniciar tal investigação, procurou-se realizar um amplo levantamento nas principais bases de dados acadêmicos acerca do seguinte termo: “Leitura nas mídias sociais”. A princípio esse foi o tema geral delineado pelos autores. O levantamento consistiu em pesquisar nas seguintes bases de dados: Directory of Open Access Journals (DOAJ), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT) e no Google Acadêmico.

Quadro 1: Levantamento acerca do termo “Leitura nas Mídias sociais”

Bases de dados	Busca pelo termo com aspas	Busca pelo termo sem aspas
DOAJ	0	6 registros
BDTD/IBICT	0	139 registros
Google acadêmico	1 registro	Aprox. 53.100 registros

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

O levantamento evidenciou que os registros encontrados ao se buscar pelo termo sem aspas trazem inúmeros assuntos que pouco condizem com o tema tratado nesse trabalho. Durante a busca nas bases foi possível observar que os temas se referem às questões referentes à área da linguística, o que não é o foco desta pesquisa. O único registro encontrado pelo *Google Acadêmico* na busca pelo termo com aspas refere-se a um artigo do próprio autor submetido em um evento na área de comunicação na Universidade Católica de Brasília (UCB), no ano de 2016. Quando a busca ocorre pelo termo sem aspas, uma variedade de registros é encontrada, porém os conteúdos dos temas percorrem desde a linguística à análise de redes sociais. Esta pesquisa se assenta nas perspectivas linguística, porém abrange a comunicação, o uso da língua, da leitura e mídias sociais como será abordado no decorrer deste artigo.

Posto isto, optou-se por adotar o estudo de caso com bibliotecários das instituições de Ensino Superior da Cidade de Goiânia, localizada no Estado de Goiás, na Região Centro-Oeste do Brasil. Catalogou-se cerca de 62 profissionais atuantes na Cidade de Goiânia nas mais diversas instituições de ensino superior. Nesta perspectiva, o estudo de caso possibilita a

penetração na realidade social, utilizando meios de interpretação e contextualização da realidade.

Possuindo todo esse aporte metodológico foi elaborado um questionário, contendo 15 (quinze) perguntas, que consiste em “um instrumento no qual estão contidas um elenco de perguntas organizadas, que devem ser respondidas por escrito pelo entrevistado, tendo como objetivo adquirir informações sobre o objeto em estudo” (MATIAS-PEREIRA, 2012, p. 166). O questionário é misto, com perguntas fechadas e abertas e foi disponibilizado em plataforma *on-line* do Google forms. Obtiveram-se 25 respostas, que representam uma amostra significativa da população investigada, o que é balizada de acordo com os estudos de Rudio (2011). O Quadro 2 elenca características da população pesquisada, bem como as instituições representadas neste estudo.

Quadro 2: Dados da população inserida no contexto desta pesquisa

Faixa etária	(Em %)	Instituição em que atua	Em (%)
De 20 a 30 anos	8	Instituto Federal de Goiás (IFG)	21
De 31 a 41 anos	55	Universidade Estadual de Goiás (UEG)	4
De 42 a 52 anos	29	Universidade Federal de Goiás (UFG)	75
Acima de 52 anos	8	Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)	-

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Os dados ainda revelam que dos 25 respondentes, 23 foram do sexo feminino e apenas dois do sexo masculino. As respostas foram predominantemente de bibliotecários da Universidade Federal de Goiás (UFG) correspondendo a 75%, sendo os demais distribuídos pelas outras instituições de ensino públicas Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Instituto Federal de Goiás (IFG). Foi enviado questionários aos bibliotecários da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), mas não se obteve retorno. No questionário foi deixado um campo aberto para inclusão de outras faculdades/universidades da capital, porém também sem retorno. Portanto, este estudo de caso se concentrou nas informações obtidas por profissionais que atuam nas instituições públicas de ensino e que possuem expressiva representatividade na atuação bibliotecária local. A partir dos relatos destes profissionais, podemos entender as influências das mídias sociais no processo de leitura e comunicação destes profissionais e o impacto em suas atividades, enquanto mediadores da informação.

3 CULTURA E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NAS PRÁTICAS DE LEITURA

Há um entendimento que aquele espaço se configura na natureza do Ser. Na medida em que o cidadão comum, especialmente aquele que, mesmo indiferente a jornais, revistas e, principalmente, a livros, torna-se leitor de vários tipos de textos em ambientes digitais, cresce a relevância de se pensar como acontece as suas respectivas práticas de leitura em um sentido mais amplo, abordando a sua vivência com as diversas formas de leitura.

Um território é constituído pelo sujeito, por um sentimento de pertencimento. Em ambiente digital, o leitor redescobre um novo território. O território (físico) a qual ele esteve sempre habituado é tido como alicerce para as construções culturais. É ali que ações e tradições são repassadas, bem como a cultura. Ao se referir à palavra cultura, é necessário retomar o seu sentido primordial que é definido por Chauí (2008), pois a palavra é oriunda do verbo latino *colere*, na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios.

Compreende-se que o território da leitura pode ser construído tanto geográfica quanto historicamente pelas relações sociais. Envolve, concomitantemente, a dimensão espacial, material e simbólica da realidade praticada, vivida. O ato de ler se mostra aberto, múltiplo, relacional, construtivo, mobilizador, um processo de produção de sentidos, um ato performático e político, discursivo e narrativo que pode produzir consentimento e ação.

Com o tempo esse sentido de cultura foi entrando em desuso até que a expressão cultura ressurgiu no século XVIII como sinônimo de civilização (CHAUÍ, 2008). Assim a cultura se transforma em algo hierarquizado que remete ao sentido de evolução e progresso. Assim surgiram várias facetas de cultura. Houve tentativas de classificar a cultura, com base em níveis sociais. Chartier (1995) afirma que existia um forte lado entre (a reivindicação de uma) cultura pura, distante dos gostos, ditos, vulgares (sustentada por uma cumplicidade estética entre os criadores e público por eles escolhido) e outro lado estava às conquistas da cultura comercial capitalista, destinada a grande parte da população.

Para Borges (2013, p. 74) “assim concebida, a cultura é mediadora do mundo e da existência, além de também ser reguladora de práticas sociais”. A autora enfatiza também que “na condição [de] produto histórico, a cultura não é perpétua: ela é construída, reconstruída, elaborada e reelaborada na interação do ser com o outro, com o espaço, com o território,

enfim com o mundo” (BORGES, 2013, p. 74-75). O lugar da cultura é no espaço territorial vivido, onde há ação humana que possa atribuir sentido a ela.

Nesse espaço territorial carregado de significações, encontra-se a ideologia que nada mais é a tradução entre mediações de representações, conceitos e ações do sujeito histórico no mundo (BORGES, 2013, p. 75). Essa ideologia é amparada ao território, pois é ela que atribui sentido aos indivíduos desse espaço. É a partir desse momento que é possível observar a importância de uma identidade (ou identificação) com esse território, é o sentimento de pertença que unem o Ser e o Lugar para que conjuguem um significado.

As discussões sobre a questão da identidade são complexas, já que o conceito é portador de ambiguidades teóricas e políticas. Hall (2007) afirma que só é possível estudá-lo sob “rasura”, ou seja, sob uma perspectiva em que (apesar de demonstrar sua precariedade ou imprecisão explicativa) o conceito de identidade comporta algo de “irredutível”, que está no intervalo e na emergência de uma ideia que não pode ser pensada de forma “antiga” e que, sem a qual, certas questões não podem ser pensadas/analizadas. Para Hall (2004), diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo e, portanto, as formas de representação da relação identitária e, pode-se acrescentar, com a construção da identidade referente a uma parcela de espaço-tempo.

Posto isso, sobre as transformações que estão ocorrendo na sociedade contemporânea, é necessário analisar alguns aspectos fundamentais para o entendimento da sensação de pertencimento, sobretudo para o recorte desta pesquisa. Parte-se do pressuposto de que o bibliotecário leitor, ao se apropriar do território proposto pela leitura, constrói discursivamente ressignificando o conteúdo lido; é uma construção demarcada a partir de um recorte territorial onde se estabelecem relações. Portanto, ao adotar a prática de leitura, os sujeitos definem a partir de um território ou, num sentido mais amplo, a uma formação do espaço geográfico, formando o território da leitura.

Compreende-se que o território da leitura pode ser construído tanto geográfica quanto historicamente pelas relações sociais. Envolve, concomitantemente, a dimensão espacial, material e simbólica da realidade praticada, vivida. O ato de ler se mostra aberto, múltiplo, relacional, construtivo, mobilizador, um processo de produção de sentidos, um ato performático e político, discursivo e narrativo que pode produzir consentimento e ação.

Diante das transformações que estão ocorrendo com as identidades, é necessário analisar alguns aspectos fundamentais para o entendimento da identidade, sobretudo para o recorte espacial escolhido para este estudo. Parte-se do pressuposto de que a identidade

territorial é construída discursivamente no e através de um recorte espacial, sendo uma construção demarcada a partir de um recorte territorial onde se estabelecem relações. A identidade territorial é definida a partir de um território ou, num sentido mais amplo, a uma formação do espaço geográfico.

As identidades surgem de uma narrativa “ficcional”, mas que não diminui no processo sua eficácia discursiva material, simbólica e política, mesmo que essas identidades sejam apenas construídas pelo imaginário e, em parte, construída a partir de alguma fantasia e/ou invenção, esta terá eficácia na relação de pertencimento. Para Hall (2007, p. 119), “o sujeito é produzido ‘como um efeito’ do discurso e no discurso, no interior de formações discursivas específicas, não tendo qualquer existência própria”. O discurso aciona a identidade através da posição-de-sujeito, ou seja, a posição que os sujeitos assumem entre a divisão: entre o nós e o eles; entre o eu e o outro.

Portanto, as identidades são construídas através do discurso e são produzidas em locais históricos e institucionais específicos. Para Pinto (2004, p. 55-56) “memória e repertório de cada leitor atuam e dialogam com o texto lido. [...] Ao lermos, incorporamos o texto a nosso acervo memorial e (re)estabelecemos as ligações internas desse repertório”. O autor ainda afirma que toda leitura é provisória, pois aquilo que lemos (e como lemos) ficará marcado em cada sujeito, podendo ser revisado com facilidade, basta ser realizada uma nova leitura. “Daí a leitura ser tão interessante e o lugar do leitor, privilegiado” (PINTO, 2004, p. 59).

Hall (2007) afirma ainda que, essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento do sujeito, seja parte da natureza socialmente transformada (ou seja, da paisagem), impressa através do parentesco e da linhagem dos genes e seja parte constitutiva de nosso “eu” mais interior pressupondo uma construção subjetiva. Entretanto, essa construção, mesmo subjetiva, trabalha com aspectos materiais e simbólicos.

Nesse sentido, a identidade é construída a partir de recursos simbólicos que são utilizados e acionados para mobilizar o sentimento de pertencimento, a ação e o “consenso”. É construída, também, tanto geográfica quanto historicamente pelas relações sociais. Envolve, concomitantemente, a dimensão espacial, material e simbólica da realidade praticada, vivida. Há mobilizações discursivas assim como de recursos simbólicos para forjar a identidade cultural, como, por exemplo, a identidade nacional, que contribuem para ativar o sentimento de pertencimento. Assim, a identidade é aberta, múltipla, relacional, uma construção, um efeito mobilizador, um processo de produção, um ato performático e político, discursivo e narrativo que pode produzir consentimento e ação.

Fazendo-se um paralelo com a leitura, nesse contexto, vêm-se alterando as práticas culturais de leitura e modos de ler, sinalizando para uma análise das práticas de leitura. Partindo desse pressuposto, para a ressignificação das práticas de formação de bibliotecários leitores é necessário um novo paradigma no que diz respeito às formas de leitura que estes profissionais possam explorar, pois “o sentido do que se lê é produzido exatamente na relação entre ler o texto e ler o contexto, em que a compreensão não é algo imóvel, estático, pronto, à espera do leitor [...]” (FREIRE, 2008, p. 22), ou seja, a leitura é ato introspectivo que atribui ao leitor diferentes possibilidades de interpretações, sentidos e valores. Assim, tem-se o espaço virtual oferecendo uma gama de opções de práticas de leitura, que possibilitam aos sujeitos traçarem itinerários em diversos territórios de leitura.

4 GLOBALIZAÇÃO, CIBERESPAÇO E LEITURA: INFLUÊNCIAS DAS MÍDIAS SOCIAIS

Quando se pensa em globalização, remete-se aos dias atuais, com esse enorme fluxo de informação, comunicação e conhecimento, integração dos mercados nacionais e velocidade graças às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A Globalização, tal qual como é conhecida, trouxe um novo paradigma tecnológico e redimensionou as exigências e atributos, bem como os direitos das sociedades em geral. Castells (2006) afirma que a Sociedade em Rede é sinônimo daquilo que se denomina de Globalização, e o seu principal objetivo é democratizar o acesso à informação para todos os indivíduos e sociedades afins. Corroborando com o pensamento de Castells, pode-se falar em ciberespaço como sendo um lugar em que há interação humana nos diversos níveis de conhecimento. Para Pereira (2013, p. 36):

[...] o ciberespaço dessa forma, é algo imaterial, não configurado em termos geográficos e composto por inúmeras redes tecnológicas e sociais conectadas entre si, em que ocorrem fenômenos de socialização e de produção de cultura e onde se criam novas formas de relações e de práticas sociais, com códigos e linguagens próprios.

A consequência do surgimento de uma sociedade em rede originou um termo criado por McLuhan (1969) (estudioso canadense) e descrito por Castells (2010) denominado de “aldeia global”. Como o próprio nome já diz se trata de um lugar onde a sociedade capta as informações do mundo e as envia para outras sociedades, criando redes de relacionamentos e difundidos culturas e costumes antes restritos àquela região. As pessoas dessa aldeia global

podem estabelecer contatos no mundo inteiro com a mesma facilidade dos contatos com os vizinhos de sua mesma localidade. As relações comunicativas entre as pessoas de diferentes etnias, crenças, costumes se tornou um ponto estratégico para a globalização.

Com isso, é possível compartilhar textos e leituras, estando há dois metros ou a milhares de quilômetros. Neste sentido, os bibliotecários possuem papel de grande importância no ciberespaço: são mediadores e orientadores no acesso à informação e, conseqüentemente, às práticas culturais, indo além das atividades corriqueiras das bibliotecas. São profissionais que devem estar imersos na sociedade em rede. A sociedade em rede representa uma transformação qualitativa da experiência humana, pois o conhecimento hoje é sinônimo de poder. São introduzidos nessa temática as reflexões de Lévy (2000, p. 17) acerca da representação de suas reflexões acerca da cibercultura e ciberespaço.

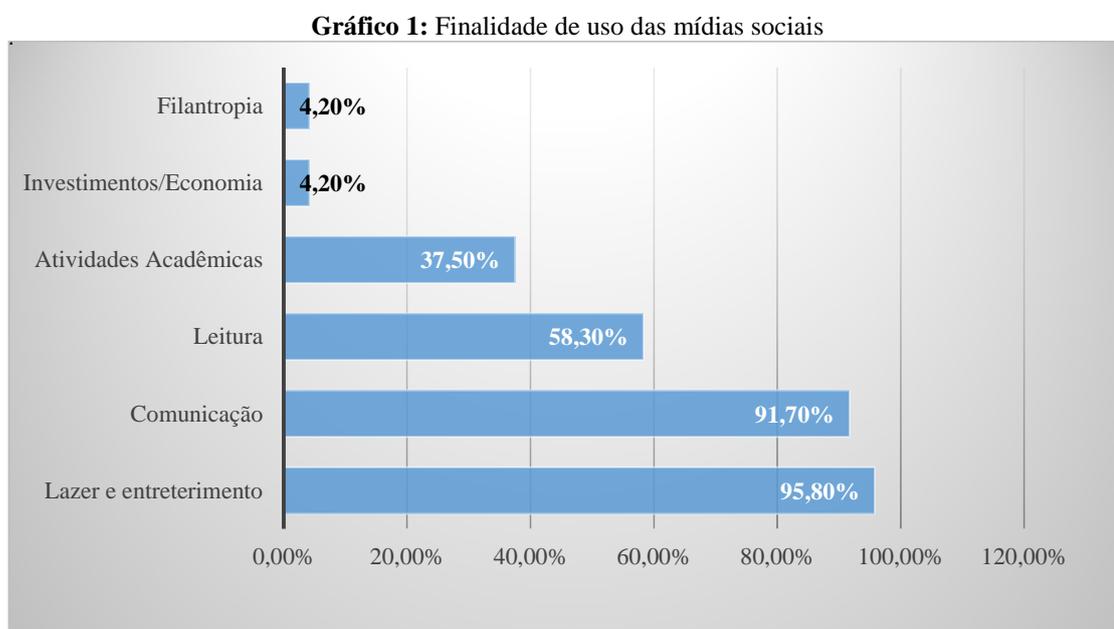
O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

A comunicação sai do estigma da manipulação para entrar na utopia da mediação. O autor traça suas percepções sobre o crescimento do ciberespaço, novo meio de comunicação que surge da interconexão de computadores e o conseqüente surgimento da cibercultura. Para Lévy (2000), cibercultura reflete a “universalidade sem totalidade”, algo novo se comparado aos tempos da oralidade primária e da escrita. É universal porque promove a interconexão generalizada, mas comporta a diversidade de sentidos, dissolvendo a totalidade. Em outras palavras, a interconexão mundial de computadores forma a grande rede, na qual cada nó é fonte de heterogeneidade e diversidade de assuntos, abordagens e discussões, ambos em permanente renovação.

Levy (2010, p. 103) reitera que a digitalização “atinge todas as técnicas de comunicação e de processamento de informações.” Entre elas, destacam-se as mídias sociais, agregando ainda mais valor ao conteúdo informacional desejado, devido às possibilidades de suporte e de transmissão desta informação. Com a integração entre as pessoas na Rede, a palavra social foi associada ao termo mídia, com ênfase aos meios e às mensagens (o conteúdo). Ramalho (2010, p. 11) afirma que “as mídias sociais são parte integrante da sociedade moderna”, pois uma das maiores necessidades do ser humano é socializar e formar grupos de interesse comum.

Telles (2010) afirma que mídias sociais são ferramentas *on-line* usadas para divulgar conteúdo ao mesmo tempo em que permitem alguma relação com outras pessoas. Nesta perspectiva, é possível afirmar que as mídias sociais têm um sentido mais amplo, sendo ferramentas de interação social, e que tem como base pessoas que se juntam e interagem por alguma razão onde é possível a produção de conteúdo descentralizado. Portanto, ao realizar a pesquisa com os bibliotecários das instituições de ensino superior da cidade de Goiânia, compreende-se que 88% dos pesquisados acessam as mídias sociais diariamente; 46% gastam, em média, duas horas diárias acessando mídias sociais; 25% gastam até cinco horas diárias. Entre as mídias sociais mais acessadas estão WhatsApp (100%), Instagram (92%) e Facebook (75%).

Percebe-se que o acesso às mídias sociais é uma realidade presente no cotidiano dos bibliotecários pesquisados, nesta perspectiva, questionou-se qual local seria mais comum esse acesso às mídias sociais. Para 96% dos respondentes, esse acesso acontece de casa; 50% também afirmam acessar em seus locais de trabalho; outros 29% acessam também nos deslocamentos (a exemplo, no trajeto de casa para o trabalho e vice-versa). Para compreender melhor a finalidade de uso das mídias sociais no dia a dia dos bibliotecários, elaborou-se o Gráfico 1, que ilustra bem o dinamismo das mídias sociais.



Fonte: elaborado pelos autores; Google Forms (2021).

Percebe-se, portanto, que os computadores e os *smartphones* são mais que uma ferramenta de produção de sons, textos e imagens. Este último revolucionou a forma de

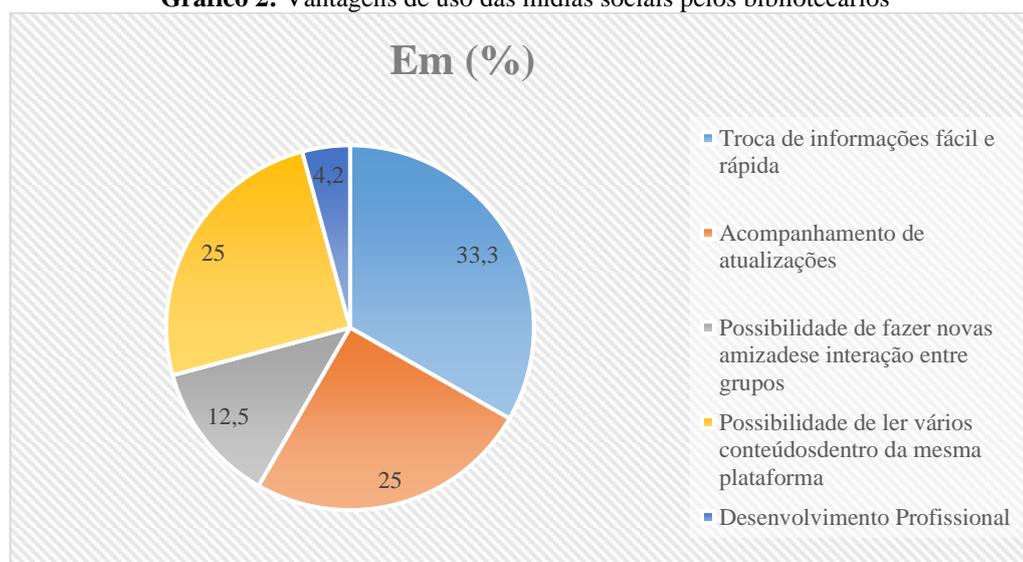
comunicação das pessoas neste início de século. O crescimento da cibercultura ampliou o já vasto ambiente da leitura. A criação de blogs (diários eletrônicos) e das mídias sociais possibilitou a interação quase que instantânea entre autores e leitores que, aliás, passaram a ser autor/leitor e leitor/autor. Desta forma, são operadores da virtualização.

O ciberespaço pode ser considerado uma virtualização da realidade, uma migração do mundo real para um mundo de interações virtuais. Lévy (2000) ainda utiliza um conceito de “virtual” que se distingue do senso comum, e até mesmo do termo técnico ou filosófico. Virtual não se opõe ao real, nem ao material. Ainda que não esteja fixo em nenhuma coordenada de tempo e espaço, o virtual existe, ele é real, mas está desterritorializado.

Ao mencionar território, Borges (2013) ressalta que apesar de se constituir no campo de poder, o território não resulta apenas nas relações de poder e/ou apoderamento. Sua dimensão simbólica implica em ideologias, imagens, discursos, signos e linguagens que conformam os modos como é representado, significado apropriado e até mesmo registrado. São processos que decorrem do e no imaginário coletivo e definem fronteiras identificadoras que, mesmo sendo tangíveis, apontam caminhos e perspectivas à territorialização.

É importante observar que no ciberespaço há sim um lugar de fala. Mesmo sendo um espaço desterritorializado, o ciberespaço necessita de uma localização fixa para poder ter e fazer sentido. E é nesse ambiente que se constroem, permanentemente, expressões e identidades dos atores, pois “essas apropriações funcionam como uma presença do ‘eu’ no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público” (RECUERO, 2014, p. 27). Assim para entender esse lugar de fala, também é necessário compreender as conexões que são estabelecidas. Para existir no ciberespaço é preciso ser visto possuir vínculos com outros atores, enfim estabelecer conexões e fazer parte da sociedade em rede. Desta forma questionaram-se aos bibliotecários quais seriam as vantagens em possuir um perfil em um site de mídia social, o resultado foi o seguinte:

Gráfico 2: Vantagens de uso das mídias sociais pelos bibliotecários



Fonte: elaborado pelos autores; Google Forms (2021).

Percebe-se que as mídias sociais e, principalmente o ciberespaço amplifica, exterioriza e modifica funções cognitivas humanas como o raciocínio, a memória e a imaginação, as quais, segundo Carr (2011), podem trazer consequências ao cérebro humano. Nesse sentido, o que se pontua aqui é a existência dessas leituras e sua possível comunhão com os textos impressos, conforme se verá em algumas das respostas dos entrevistados no Quadro 2. Isso porque, as mídias sociais são ambientes de leitura e de produção de sentidos, onde se observa o exercício de uma cultura virtual, ou cibercultura. Para Lemos (2013), a cibercultura é fruto de novas formas de relação social. Para o autor, a cibercultura “está no cerne dos impactos socioculturais, pondo em jogo essa mistura inusitada e paradoxal entre razão aplicada, busca de totalidade (agregações das mais diversas) e pensamento mágico-religioso” (LEMOS, 2013, p. 266).

As comunidades virtuais “são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 2000, p. 127). Já a inteligência coletiva pode ser considerada a finalidade última do ciberespaço, pois ela descreve um tipo de inteligência compartilhada que surge da colaboração de muitos indivíduos em suas diversidades.

Entretanto, aquilo que mais chama atenção de Lévy (2000) são suas proposições acerca da nova relação que a humanidade estabelece com o saber, agora que está imerso na cibercultura. Por ter base na microeletrônica, a Sociedade em Rede, tem o propósito de disponibilizar informações e integrar as pessoas de todas as partes do mundo, promovendo a democratização de conteúdo. Este tipo de mídia é essencial na comunicação entre sociedades,

nações, permitindo a interação entre culturas e como dinamizador de pesquisas acadêmicas, ensino à distância, diversos serviços ao cidadão e comércio eletrônico. Sendo assim, é possível afirmar que as mídias sociais influenciam o dia a dia dos sujeitos. Para comprovar essa afirmação, questionaram-se os bibliotecários leitores acerca desta afirmação; 79% dos respondentes confirmaram esta hipótese. Para tal solicitou-se a eles que explicassem quais tipos de influências seriam. Diante disso, foram selecionadas algumas respostas que estão expostas no quadro a seguir:

Quadro 3: Influências do *Facebook* nas leituras diárias

R1: Incentivo à leitura e atualização das informações;
R2: No <i>Facebook</i> aparecem assuntos como política, economia e daí vou vendo jornais, revistas, sites nestes temas;
R3: Atualização profissional; incentivo ao hábito de leitura sendo uma ponte entre os textos/livros/artigos impressos e digitais; acesso ilimitado da informação;
R4: Muitas vezes vejo pessoas comentando sobre notícias e acabo indo procurar a matéria completa. Também acompanho perfis que fazem indicações de livros e acabo lendo por conta desta indicação;
R5: As mídias sociais influenciam positivamente nas minhas leituras diárias devido ao fato de direcionarem o conteúdo de maior interesse de acesso, o que acaba proporcionando que as atualizações desses conteúdos cheguem de maneira mais facilitada;
R6: No direcionamento dos temas de interesse na medida em que temos um primeiro contato com determinados assuntos por meio dessas mídias;
R7: Elas permitem novas descobertas de assuntos que talvez eu demorasse mais para descobrir, pois, ao interagir com várias pessoas ao mesmo tempo, diversos assuntos são tratados simultaneamente;
R8: Influencia negativamente quando não tenho tanta paciência para leituras longas. Mas de forma positiva, pois permite a trocas de informações sobre leituras com pessoas de visões e experiências diferentes, desse modo gerando-me curiosidade para leituras de assuntos fora do meu habitual;
R9: No geral são influências ruins. Muitas vezes as mídias sociais "roubam" o tempo que eu poderia estar usando para fazer leituras de lazer ou acadêmicas ou prejudicam a minha atenção quando estou de fato fazendo essas leituras. Às vezes a quantidade de informações negativas a que sou exposta diariamente nas mídias sociais prejudica a minha concentração;
R10: Influenciam na medida que leio nas plataformas digitais, mas me desconecto de leituras em formato impresso.

Fonte: elaborado pelos autores; Google Forms (2021).

Observa-se nas respostas que as mídias sociais influenciam, porém seu impacto pode ocorrer, na visão dos bibliotecários, de forma positiva e negativa. Entre as formas positivas estão à troca de informações, atualização profissional e a descoberta de novas leituras. Dentre as formas negativas, é possível listar a falta de concentração e o tempo gasto acessando tais mídias. Não se pode negar que os leitores assumem novos papéis nas mídias sociais. Eles podem ler, interagir com o conteúdo e produzir um texto, imagem, que será lida (e apropriada) por outro leitor. Não é mais apenas um mero receptor de informações, são também produtores de conteúdo. As mídias sociais permitem que os leitores possam interagir

com o autor, formulando novas discussões e, conseqüentemente, conteúdo diversificado. Neste caso os bibliotecários, tão habituados a livros e bibliotecas, se viram imersos no ambiente do ciberespaço, porém vivem o estigma entre o impresso e o digital, como se tratasse de um duelo de forças antagônicas.

Chauí (2008, p. 62) afirma que estamos vivendo “sob o signo da telepresença e da teleobservação, que impossibilitam diferenciar entre a aparência e o sentido, o virtual e o real”. Para a autora vivencia-se o culto ao imediatismo o que, amparado nas TICs, tornando assim a experiência volátil e efêmera e, como consequência, perde-se o sentido da cultura como ação histórica, pois não se apoia no passado, mas sim naquilo que foi construído pela tecnologia. Para que o indivíduo possa significar (ou ressignificar) determinado território é importante que ele se identifique a este lugar. “Isso porque os indivíduos não apenas têm no território um elemento mediador, como também o produzem e mediam, ao mesmo tempo em que por ele são produzidos e mediados” (BORGES, 2013, p. 86).

Aranalde (2005) destaca que a cultura digital cria imperativos de adaptabilidade e de capacidade de transformação e enfatiza um começar de novo a cada instante. Tal cultura tem como consequência a característica mais marcante da sociedade de informação, a saber, a ausência de comprometimento em longo prazo. Tem-se a rapidez e a flexibilidade que acabam ultrapassando os limites de sua aplicação ao campo da tecnologia, sendo inseridas como imperativos de ação. Desse modo, a flexibilidade é a nova ordem frente à rapidez com que as mudanças se processam. Recuero (2014) enfatiza a importância do estudo das redes sociais na internet, visto que pode observar os padrões de conexão de um grupo social, mediante os laços sociais entre os usuários dessa rede.

Na pesquisa lançou-se aos bibliotecários pesquisados a seguinte afirmação: “as redes sociais criam leitores dependentes da tecnologia, deixando em segundo plano a leitura em materiais impressos (livros, jornais, revistas, etc.)”. Os resultados apontaram que 50% dos respondentes concordaram parcialmente com esta afirmação; 29% discordaram parcialmente desta informação e; 21% concordaram completamente, o que demonstra para maior parte destes profissionais que a tecnologia pode limitar o acesso à mídia impressa, o que poderia ocasionar no desuso destes materiais.

Para Diaz Bordenave (1998) não é a tecnologia que molda os indivíduos, mas os próprios indivíduos. São as camadas sociais que ditam os caminhos a seguir no desenvolvimento tecnológico e a tecnologia se acomoda de acordo os anseios da sociedade. Neste sentido, as consequências sociais causadas pela tecnologia são originárias desta

sociedade, por isso mesmo quem não tem uma participação efetiva na sociedade em rede é afetado por sua lógica, pois ela muda a concepção identitária que cada sujeito possui. Se os leitores estão cada vez mais dependentes da tecnologia, isso é apenas o reflexo dos anseios destes mesmos leitores, que agora estão imersos nas arquiteturas do ciberespaço. Para Maffesoli (1998), vivencia-se a pós-modernidade que seria o vínculo entre a ética e a estética, assim criando um vínculo social, surgindo a partir da emoção compartilhada ou do sentimento coletivo.

Os sentimentos coletivos são a premissa das sociedades contemporâneas. Tais sentimentos são partilhados por meio da identificação entre grupos. Diferentemente da massa, em que não se tem a presença da lógica de identidade, os pequenos grupos (ou os coletivos emocionais) valorizam o papel de cada sujeito, onde cada um pode expressar seu sentimento e partilhar com outros sujeitos. Esses pequenos grupos não são fechados e sempre estão em grandes mudanças, pois a identificação entre as pessoas varia de acordo com o surgimento de novos grupos, novas ideologias.

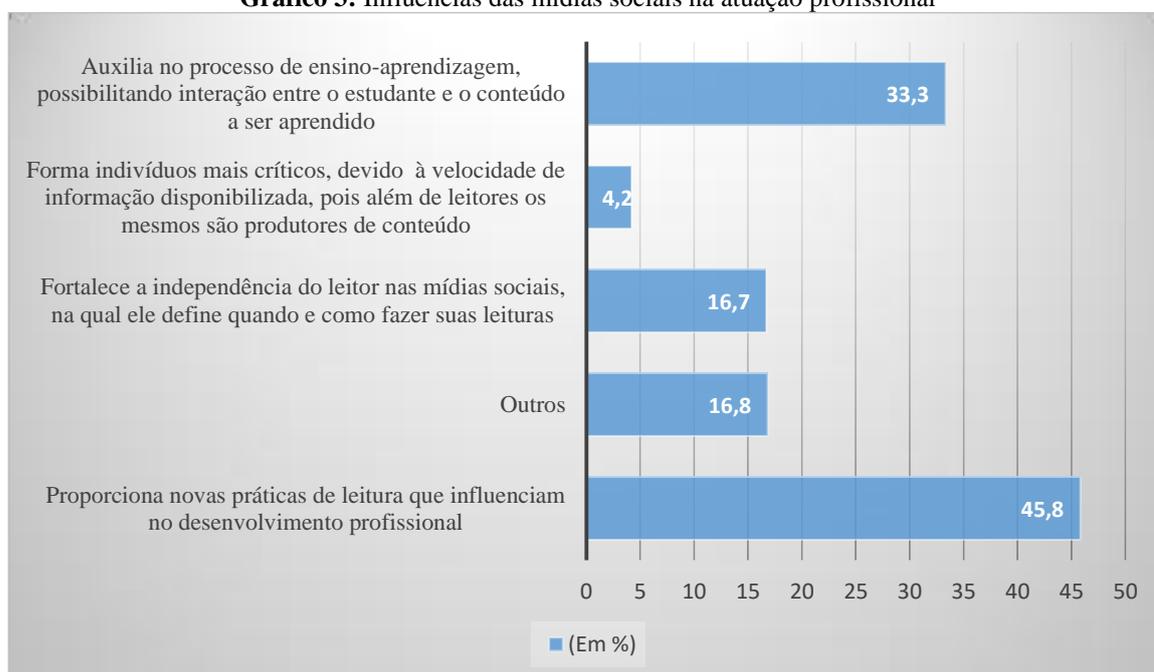
A isso se denomina de tribalismo, uma vez que “ela é precedida pelas noções de comunidade emocional, de potência e de sociabilidade que a fundamentam” (MAFFESOLI, 1998, p. 10). Como consequência do tribalismo estão o policulturalismo e a proxemia (o espaço individual no meio social). Entende-se por policulturalismo o acesso a várias culturas e a interação com elas e proxemia como a relação do indivíduo ao espaço social, ele pode tanto se aproximar por afinidade ou também para conhecer algo que não é familiar ao seu cotidiano, mas que lhe interessa conhecer. Estão, cada vez mais, evidentes nos cotidianos das pessoas e com qual se interage automaticamente, formando laços identitários.

Um laço é uma conexão efetiva entre os atores que estão interagindo entre si. Um laço social se faz mediante uma interação social. Maffesoli (1998), afirma que o termo laço deve ser compreendido como algo necessário. Temos a necessidade de manter laços com outros indivíduos e esses indivíduos a nós, formando várias conexões. “Entretanto, a conexão entre um indivíduo e uma instituição ou grupo torna-se um laço de outra ordem, representado unicamente por um sentimento de pertencimento. Trata-se de um laço associativo” (RECUERO, 2014, p. 39). Esse sentimento de pertença é puramente a participação efetiva do espírito coletivo.

Nas mídias sociais podem-se ter os laços associativos, onde são laços construídos por meio da comunicação mediada pelo computador, através da interação reativa. É um tipo de laço comumente observado nos grupos e comunidades do Facebook. Os grupos formados nas

mídias sociais podem possuir capital social que é “um conjunto de recursos de um determinado grupo que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que apropriado individualmente, e que está baseado na reciprocidade” (RECUERO 2014, p. 50). Entende-se que os bibliotecários formam um grupo que mantém laços associativos, formando diversos tipos de redes, dentre elas a de desenvolvimento e capacitação profissional. Neste sentido, o Gráfico 3 aponta os reflexos positivos das mídias sociais no desempenho profissional dos pesquisados.

Gráfico 3: Influências das mídias sociais na atuação profissional



Fonte: elaborado pelos autores; Google Forms (2021).

Nota-se que para maioria dos bibliotecários pesquisados, as mídias sociais incidem positivamente nas práticas de leitura e conseqüentemente, influenciam seu desenvolvimento profissional. Um novo mundo é revelado e desencadeia um processo de aprendizado ao leitor virtual, que ao manter contato com a leitura e escrita nesses ambientes virtuais, adquire habilidades essenciais para a aprendizagem e o relacionamento com saberes essenciais para o século XXI.

Também são elencados o auxílio no processo de ensino-aprendizagem e a independência do leitor no uso das mídias sociais em seu cotidiano. A sociedade atual vive num ambiente cercado de imagens. A cultura de criar e compartilhar imagens são uma forma de buscar e disseminar informação, interagindo com outros usuários. Assim a mídia social se realimenta com informações dos usuários, constata-se que os leitores são produtores de

conteúdo. E as mídias sociais são propícias para esse ambiente de leitura e interação. O advento dos dispositivos digitais demanda aos leitores competências para decodificar e interpretar vários signos nas mais variadas plataformas. Esse novo tipo de leitor nasce acostumado com a linguagem efêmera e provido de uma sensibilidade perceptivo-cognitiva quase que instantânea. Portanto, os bibliotecários além de serem mediadores da informação, estão imersos neste ambiente das práticas de leitura e por isso deve compreender como essas leituras realizadas nas mídias sociais contribuem ao desenvolvimento profissional e à sua leitura de mundo.

5 O BIBLIOTECÁRIO LEITOR DIANTE ÀS MÍDIAS SOCIAIS

Se a Sociedade em Rede proporcionou uma mudança no hábito de vida das pessoas, para os leitores quais foram suas transformações ocorridas na transição para esta sociedade? O leitor assumiu um novo papel nas mídias sociais? Chartier (1995, p. 184) afirma que “em toda sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos compartilhados são tão ou mais geradoras de distinção que as práticas próprias de cada grupo social.” Para o autor, a leitura pode ser aparentemente, passiva e submissa, porém ela se revela à sua maneira, inventiva e criadora. A percepção de cada indivíduo antes era limitada a um pequeno ciclo de amizades. Atualmente ela ultrapassa as barreiras geográficas.

Santaella (2013) classifica os leitores em três tipos: o contemplativo (que possui o hábito de leitura individual e silenciosa, mantendo relação íntima com o livro e contemplando a obra e o espaço destinado a leitura); o movente (tipo de leitor que lê em movimento; está nas ruas, nas praças, no ritmo frenético da cidade) e; o leitor imersivo (aquele que inaugura uma nova forma de ler. É um leitor conectado no mundo digital e interage com textos, imagens e sons. É livre para estabelecer sozinho a ordem informacional).

Aquele leitor contemplativo ainda existe, porém ele está dotado de mecanismos que permitem que ele possa se expressar ir além do texto, estar em contato direto com a obra e com o autor, interagir com outros leitores, propor e discutir novos caminhos. Chartier (1995) salienta que na realidade, a atividade de leitura apresenta, ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: é uma deriva ao longo das páginas, uma metamorfose do texto pelo olho viajante, uma improvisação e uma espera de significações induzidas a partir de algumas palavras, um prolongamento de espaços escritos, uma dança efêmera. O leitor se apropria no texto do outro: invade a propriedade alheia, transporta-se para ela, torna-se nela plural como

os barulhos do corpo. Portanto, o bibliotecário leitor assume novo papel nas mídias sociais. Ele não é mais apenas um mero receptor e mediador de informações, mas também é produtor de conteúdo. Desta forma, no Quadro 4, evidencia-se como essas leituras realizadas pelos bibliotecários contribuem ao desenvolvimento profissional e o fazer biblioteconômico, ou seja, auxiliam nas práticas tradicionais da profissão (atividades técnicas).

Quadro 4: Contribuição da leitura nas mídias sociais no desenvolvimento profissional

R1: Através das mídias sociais podemos ficar mais atualizados sobre o conteúdo biblioteconômico, assim como facilita a procura de informação, ajudando na leitura e no aprendizado;
R2: Possibilidades de discussão, fóruns, seminários e até mesmo cursos online facilitam o acesso ao conhecimento, a atualização sem necessariamente você ter que ir a outro estado para fazer este acesso;
R3: A possibilidade de conhecer diferentes vertentes de um determinado assunto, disponibilizado em perfis profissionais ou de profissionais da área da biblioteconomia especializados;
R4: As leituras realizadas em mídias sociais contribuem para o meu desempenho profissional e biblioteconômico na medida em que acesso referências de minha área de atuação e interesses profissionais. Ao estar em contato com as novidades tenho mais possibilidades de acesso a conteúdo, formações, leituras, disseminação e fortalecimento profissional sem custos. Além disso, tenho a possibilidade de compartilhar essas possibilidades com outros colegas da área para que os mesmos também tenham acesso a informações de qualidade;
R5: As leituras realizadas em mídias sociais proporcionam maior criatividade e ideias para a produção de conteúdo nas mídias sociais da biblioteca;
R6: A partir da certificação de informação sob vários pontos de vistas, auxiliando em interpretações mais críticas, variadas e atualizadas. Auxilia, também, na interação entre grupos profissionais, favorecendo a troca de ideias e informações. No entanto, pode ser negativo, também, no sentido de veiculação de falsas informações que podem gerar conflitos, polêmicas e prejudicar leitores;
R7: As leituras em mídias sociais podem representar um instrumento de grande valia para o desempenho profissional na medida em que possibilitam adquirir informações de fácil acesso, possuem maior interação e com maior agilidade em relação aos meios tradicionais analógicos. Mas por outro lado é importante destacar que tais mídias podem apresentar informações distorcidas ou inverdades e ainda não indicarem fontes passíveis de verificação, o que exige maior cuidado e esforço por parte do leitor na seleção da informação vinculada nessas mídias. Uma vez observado esse cenário, as mídias sociais podem contribuir para o fazer biblioteconômico auxiliando tanto na obtenção de informações para qualificação pessoal e profissional, assim como podem ser um valioso instrumento para comunicação com seu público-alvo, a saber, os usuários de sistemas de informação e bibliotecas em geral;
R8: As atualizações na área estudada, as mudanças e comportamento do público alvo. Além disso, servem como termômetro dos produtos/serviços da empresa e também imagem da Biblioteca. Também melhora da comunicação e engajamento da equipe;
R9: As redes sociais podem se tornaram grandes aliadas de profissionais que encontraram nelas uma nova maneira de darem visibilidade ao trabalho e também pesquisa que desenvolvem;
R10: Contribuem no sentido de facilitar a comunicação com colegas que estão fisicamente em outros lugares (cidade, estado, país), bem como na localização e acesso a materiais em outras instituições e, ainda, no contato com novidades da área seja por meio de leituras ou de cursos/palestras e outros tipos de eventos;
R11: Contribuem na medida em que temos um acesso mais amplo às fontes, produtores e às vezes até curadores de conteúdos diversos. Não contribuem na medida em que elas não são feitas apenas para uso profissional, sempre é uma mistura da sua vida pessoal com acadêmica, hobbies com trabalho...;

R12: Na minha opinião as leituras realizadas em mídias sociais são uma "faca de dois gumes", pois ela pode contribuir positivamente pois através das mídias posso me antenar de várias informações quase que instantaneamente. O fator negativo seria a falta de aprofundamento nas informações rápidas e resumidas que as mídias sociais geralmente nos trazem.

Fonte: elaborado pelos autores; Google Forms (2021).

Diante da análise do Quadro 4 é possível afirmar que existe sim, grande contribuição das leituras realizadas nas mídias sociais no desenvolvimento profissional. Entre os pontos abordados está o contato com outros profissionais, melhorias dos serviços e produtos oferecidos pelas bibliotecas e na facilidade de obter uma rápida informação, neste sentido, entender as necessidades dos usuários. Também se observa o cuidado em que tais leituras devem ser feitas, como salientou a respondente R12. As mídias sociais oferecem uma espécie dois caminhos, um positivo que irá sim contribuir ao desenvolvimento profissional e outro que poderá trazer prejuízos, devido à falta de aprofundamento das leituras, por conta do imediatismo que esse tipo de mídia consequentemente traz consigo. Pode-se concluir que os bibliotecários também estão imersos no ambiente de leitura nas mídias sociais, podendo ser chamados, também, de leitores ubíquos.

Com o grande avanço da tecnologia dos últimos anos, Santaella (2013) denomina outro tipo de leitor: o ubíquo, sendo que ao mesmo tempo está presente fisicamente, circulando pelos ambientes físicos – casa, trabalho, ruas, parques, avenidas, estradas – lendo os sinais e signos que estes ambientes transmitem a todo instante, atuando como leitor movente, sem alterar o compasso das suas ações físicas, esse indivíduo pode ser um leitor imersivo. Ao simples toque na tela do celular, o leitor entrará no ciberespaço informacional, podendo conversar silenciosamente com alguém ou grupo de pessoas há centímetros ou continentes de distância.

Graças às novas formas de comunicação, armazenamento e de transformação da informação, possibilitou acesso a um número cada vez maior de sujeitos. As práticas de leitura mudaram, o leitor mudou. O leitor do século XXI está sagaz por velocidade de leitura e as mídias sociais fornecem toda essa demanda de informação a esse público. Percebe-se que a população estudada também está inserida nesse ambiente e muitos já se adaptaram a esse perfil do sujeito pós-moderno, outros ainda um tanto quanto reticentes, ponderam cuidados ao adentrar totalmente na leitura nas mídias sociais.

Debruçar sobre o universo do digital conduz a atentarmos-nos mais a atuação do corpo nessas formas de leitura. Chartier (1998) elucida que a leitura é sempre apropriação, invenção produção de significados. Segundo o autor, a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um

caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Pensando nisto, na liberdade de leitura, o quadro 5 evidenciará como as mídias sociais contribuem no cotidiano das práticas de leitura dos bibliotecários pesquisados. Foram selecionadas cinco respostas que trazem um panorama acerca como estes profissionais percebem como ocorrem tais práticas.

Quadro 5: Contribuição das mídias sociais nas práticas de leitura

R1: Sim, pois há a disponibilização de livros, materiais em formato digital, possibilitando a leitura além do livro físico. A plataforma <i>Telegram</i> possui vários grupos de compartilhamento de materiais de leitura; o <i>Facebook</i> também possibilita esta troca de materiais através de grupos e comunidades. Sabendo usar destas tecnologias, as práticas de leitura são bem positivas e bem incentivadas;
R2: Sim, as mídias sociais contribuem para minhas práticas de leitura. Elas abriram as portas para que tivesse acesso a conteúdo que com certeza não teria se elas não existissem. São várias as possibilidades de leituras em diferentes formatos que nos colocam na posição de "Leitores de mundo", leitores de cultura, leitores de espaços, leitores de lugares e de pessoas, e não somente de palavras escritas;
R3: Sim, pois analiso as mídias sociais como um meio para estar sempre buscando novos conhecimentos, sejam através de indicações de livros, compartilhamento de textos que chegam até a mim e considero pertinentes para o meu desenvolvimento profissional, divulgação de notícias que chegam para mim e quando é relevante eu abro e leio para me manter informada de acontecimentos relevantes, como informações sobre a pandemia;
R4: Sim, contribuem. Através das mídias sociais posso, por exemplo, ter acesso a um conteúdo complementar à leitura analógica. Por meio dessas mídias é possível encontrar informações em tempo ágil, entrar em contato com o autor de um determinado texto, trocar experiências profissionais, participar de fóruns de dúvidas, descobrir novas leituras entre outras possibilidades;
R5: Não na prática em si, pois eu considero que tenho uma boa disciplina de leitura que independe das mídias sociais, mas elas contribuem bastante na diversificação do conteúdo que eu leio, me ajudando a descobrir novos materiais e a sair da zona de conforto.

Fonte: elaborado pelos autores; Google Forms (2021).

Vê-se que o leitor trafega com fluidez nas arquiteturas do ciberespaço, conforme retratado por Santaella (2013). Estão cada vez mais com sentimento de liberdade em realizar suas leituras. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. É perceptível que, para alguns bibliotecários ainda há certas desconfiças ou limitações em tratar a leitura nas mídias sociais, até pelo fato de ser costumeiramente uma leitura rápida e instantânea, mas não se pode negar que esta prática já está presente tanto no lazer, quanto no ambiente de trabalho destes bibliotecários. Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa

história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão Chartier (1998).

A leitura nas mídias sociais não significa o abandono da forma de leitura impressa. Em tempos de sociedade líquida, ainda há leitores contemplativos, que apreciam um bom livro e os bibliotecários têm conhecimento que as práticas de leitura transcendem o formato: o crucial é buscar a informação, porém se adequar a todas as suas formas. A busca crescente de respostas aos processos de interação e adaptação as novas tecnologias da comunicação, tem despertado a preocupação de organizações de ensino, no que se refere à conectividade das instituições com o seu público, utilizando as mídias sociais. Tais mídias são um excelente espaço para compartilhar diversos tipos de materiais multimídias como revistas, reportagens, vídeos, músicas, textos e atividades extras – enfim, materiais que de alguma forma relacionem os assuntos abordados em sala de aula. São infinitas as possibilidades que a inserção das redes sociais na educação pode trazer; aproveitando a aceitação de grande parte dos bibliotecários pesquisados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de identificar correlações e aspectos gerais das mídias sociais nas práticas de leitura dos bibliotecários das instituições de ensino superior da cidade de Goiânia abriu um leque de oportunidades de análise dos perfis dos pesquisados. A intenção deste estudo de caso foi trazer um panorama da leitura nas mídias sociais e suas influências na construção de identidades no ciberespaço. As relações sociais ganharam novas amplitudes com essa nova forma de comunicação. Foram criadas formas de relacionar com as pessoas, surgiram às mídias sociais, sendo um misto de interação e integração entre, texto, imagem e som.

A presença das mídias sociais na atualidade torna-se um dos componentes das transformações ocorridas, tudo isso em função da velocidade com que as informações circulam, em grande parte pela instauração de redes e aprimoramento dos meios de comunicação. Vimos que as mídias sociais possuem influência positiva no dia a dia da atuação dos bibliotecários, portanto, o espaço virtual, ou ciberespaço, está presente no dia a dia dos leitores. A possibilidade de se contatar com pessoas de diferentes localidades, permitiu o surgimento de uma prática cultural contemporânea, a cibercultura. Conclui-se que

a identidade é construída tanto geográfica quanto historicamente pelas relações sociais, e isto é proporcionado pela Sociedade em Rede.

Cabe ao bibliotecário leitor no século XXI estar preparado para dicotomia entre o impresso e o digital e aos outros formatos que existem e que vão surgir, uma vez que a leitura feita na Rede às vezes se torna descontínua e fragmentada, porém tem enorme potencial de expansão entre os leitores. A prova disso são os variados dispositivos criados para permitir ao leitor comodidade e facilidade em levar suas leituras. Os profissionais sabem como lidar neste mundo de transmissões imediatas de informações, necessitam apenas não se apegarem ao formato, mas a essência que essa informação é transmitida.

As interações praticadas nas mídias sociais – trocas de informações, participação em comunidades e fóruns e contato e interação continuamente com uma infinidade de pessoas e temas – é prática recorrente, na qual ler e escrever são ações presentes a todo instante. O bibliotecário leitor tem sua identidade construída no ciberespaço. As mídias sociais como fonte de pesquisa e troca de ideias é uma realidade, pois o leitor não é mais aquele ser passivo receptor de informações, ele também é produtor de conteúdo e está em contato por meio da Internet com outros leitores e produtores de conteúdo. O ato de comunicar hoje está pautado na interação e o meio hoje proporciona velocidade e novas formas de ação.

A pesquisa se tornou reveladora, pois além de mostrar os anseios dos bibliotecários em relação à leitura nas mídias sociais, também puderam expor suas opiniões acerca da utilização das mídias sociais no contexto profissional, indo além de tão somente compartilhar notícias e/ou informações, estimulando que a busca pela informação e a possibilidade de divulgar as atividades desenvolvidas, estão além de uma ação meramente superficial. Essa ação estimula! Enfim, novas leituras, novos sentidos e novas práticas de leitura, a leitura nas mídias sociais.

REFERÊNCIAS

ARANALDE, Michel Maya. A questão ética na atuação do profissional bibliotecário. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 337-368, jul./dez. 2005.

BORGES, R. M. R. Sobre pensamentos, ações e mediações midiáticas. *In*: BORGES, R. M. R. **Pensamentos dispersos, hegemonias concentradoras**: discursos jornalísticos e movimentos de territorialização no Cerrado. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. f. 74-105.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, v. 1).

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. *In*: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (org.). **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2006. p. 17-30.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHAUÍ, M. Cultura e democracia. **Crítica y emancipación**: revista latinoamericana de Ciencias Sociales, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 53-76, jun. 2008.

DIAZ BORDENAVE, J. E. **Além dos meios e mensagens**: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, S. Quem precisa da identidade? *In*: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 103-133.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEMOS, A. O nascimento da cibercultura: a microinformática. *In*: LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 99-126.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, P. **Inteligência coletiva**: para uma antropologia do ciberespaço. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2007.

LÉVY, P. A Rede digital. *In*: LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 2010. p. 103-114.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2. ed. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3. ed. rev. São Paulo, Atlas, 2012.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MCLUHAN, H. M. O meio é a mensagem. *In*: MCLUHAN, H. M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 9-37.

PEREIRA, D. A. O mundo está em dicotomia convergente, mas vai mudar. *In*: PEREIRA, D. A. **Mídias sociais como estratégia de comunicação em instituições de ensino**: o caso do Instituto Federal de Santa Catarina. Florianópolis: IFSC, 2013. p. 13-26.

PINTO, J. P. O lugar do leitor: do texto aberto aos protocolos de leitura. *In*: PINTO, J. P. **A Leitura e seus lugares**. São Paulo: Estação Felicidade, 2004. p. 45-59.

RAMALHO, J. A. As mídias sociais. *In*: RAMALHO, J. A. **Mídias sociais na prática**. São Paulo: Elsevier, 2010. p. 11-30.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, R. Contribuições da análise de redes sociais para o estudo das redes sociais na internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Fronteiras**: Estudos Midiáticos, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2014.162.01/4191>. Acesso em: 10 ago. 2020.

RUDIO, F. V. Capítulo IV: o projeto de pesquisa. *In*: RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 53-68.

SANTAELLA, L. O leitor ubíquo. *In*: SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013. p. 265-284.

SOUZA, C. L. de M. V. A problemática dos métodos quantitativos e qualitativos em Biblioteconomia e Documentação: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 2, n. 18, p. 174-182, jul./dez. 1989.

TELLES, A. **Definição de rede social e mídia social**. 2010. Disponível em: <http://www.midiatismo.com.br/comunicacao-digital/qual-a-diferenca-entre-redes-sociais-e-midias-sociais>. Acesso em: 10 ago. 2020.

WE ARE SOCIAL (England). **Digital in 2018**: we are social's compendium of global digital, and mobile data, trends and statistics. 2018. Disponível em: <http://wearesocial.com/uk/special-reports/digital-in-2018>. Acesso em: 13 jul. 2019.